Apoio:

Patrocínio:

Realização:

A Barba do Diabo

A Barba do Diabo

Era uma vez uma pobre mulher que tinha um menino . . . com barba. A boa mulher foi procurar uma fada velha.
- Bom dia, minha comadre - disse a boa mulher, entrando na casinha da velha fada.
- Oh! Bom dia! - respondeu aquela . - És uma boa mulher, vindo procurar-me...
- Venho aconselhar-me contigo. Tenho um filhinho que nasceu com barba.
- Então, minha cara, alegra-te . . .
- Por que hei de alegrar-me?
- Porque se nasceu com barba, isso quer
dizer que mal completar vinte anos, se casara com a filha do rei.
- Não digas !
- Assim é.
Imaginem como não ficou contente a boa mulher !
Justamente naquela ocasião o rei fazia uma viagem de recreio pela Polônia, e informava-se de todas as novidades.
Mas viajava incógnito.
Ninguém o conhecia.
Chegando ao lugar onde morava aquela boa mulher,

disseram-lhe:
- Nasceu, há poucos dias, um menino com barba !
Isso é sinal de sorte, e uma boa fada disse que aos vinte anos e1e se casará com a filha do rei.
- Com mil diabos! - pensou Sua Majestade, que era malvado e pérfido -. Espera! Espera! Vou já a casa do menino barbado, e de qualquer maneira hei de conseguir roubar-lho.
Informou-se sobre a casa, e bateu a porta.
- Quem é?
- Um grande senhor.
- Virgem Maria! Aos grandes senhores abre-se sempre!
O rei entrou.
- Eh , eh! Comadre! Nasceu-lhe um menino com barba, não é verdade?
- E' verdade que me nasceu, sim! - respondeu ela, rindo-se de contente.
- Pois bem; estou aqui para leva-lo comigo. Quero educá-lo como um príncipe.
- E por que o quereis educar como um príncipe?
- Ora! Porque ele é um menino de sorte. Se não fosse um menino de sorte eu não teria entrado aqui. Não te parece?
- E' verdade.
- E se é afortunado, nada deves fazer contra a sua sorte.
- Também isso é verdade - respondeu a boa mulher, que tinha lágrimas nos olhos, devido a grande dor de ter de separar-se do filhinho.
- Então? Vais confiar-mo ou não?
- Confio, sim; confio!
O rei meteu o garotinho em uma bolsa e partiu.

Chegando perto da margem de um rio, jogou a bolsa n'água, dizendo:
- Casa-te agora com a minha filha, se fores capaz!
E foi-se embora, muito satisfeito.
No entanto a bolsa, em vez de ir ao fundo, pôs-se a navegar como uma barca, sem deixar penetrar no seu interior nem sequer uma gota de água.
Navegou, navegou e, chegando aos arredores de Varsóvia, ficou preso nas redes de um pescador.
O pescador arrastou a rede para a margem e, quando chegou em casa, foi com grande maravilha que encontrou dentro dela a bolsa.
- Caramba! Que peixe é este? - pôs-se a gritar.
Acorreu a esposa.
- Oh, que peixe! Oh, que peixe!
E abriram a bolsa.
Imaginem como não ficaram, quando viram aquele menino com tanta barba!
Havia muito tempo que desejavam ter um filho.
- Será este o nosso filho! - exclamou a mulher.
- Pois seja! - respondeu o marido.
E desde aquele dia trataram o menino como se realmente fosse do seu sangue, dando-lhe o nome de Remígio.
Dezoito anos depois passou por ali o rei, e como estava chovendo, entrou na cabana do pescador, para abrigar-se.
- Oh! Oh! - disse, vendo o belo moço barbado .- E' vosso filho?
- Não, Majestade. E' um menino que achamos. Há dezoito anos pesquei-o na minha rede - respondeu o pescador -. Estava fechado dentro de uma bolsa.
- Ai! Ai! - pensou o rei . - Não pode ser senão o

menino que eu próprio atirei ao rio, para impedir que viesse a casar-se com minha filha . . .
E pediu que lhe mostrassem a bolsa.
Era aquela mesma, caramba!
Então começou a pensar em um meio de desembaraçar-se dele, e finalmente pareceu-lhe ter encontrado um.
Como continuasse a chover, voltou-se para os dois pescadores, marido e mulher, e disse-lhes:
- Não poderei sair daqui se não tiver o meu guarda-chuva. Permiti-me que eu o mande buscar pelo vosso rapaz. Dar-lhe-ei um zloty de ouro, pelo seu trabalho.
- Como não, Majestade! - exclamou o bom pescador.
- Irá imediatamente! - acrescentou a mulher.
- Esperem que eu escreva um bilhete para o meu oficial da guarda - disse o rei . Só ele sabe onde se encontra o meu guarda-chuva.
E escreveu em um bilhete:
“Mal leres este bilhete, prende o portador e manda cortar-lhe a cabeça. Faze de maneira que tudo esteja terminado antes da minha volta.”
O mocinho, com aquele bilhete, pôs-se a caminho, mas, não conhecendo a estrada, perdeu-se.
Chegou a noite e ele estava em denso bosque.
Vendo brilhar ao longe qualquer coisa que se assemelhava a uma luzinha, encaminhou-se naquela direção.
O que ele julgava ser uma luzinha, nada mais era do que um gigantesco vaga-lume.
Estava pendurado por uma perna à janelinha de uma cabana e substituía muito bem uma lanterna.
O mocinho empurrou a porta, que estava somente

encostada, e entrou.
Achou-se assim em uma cozinha.
Junto a lareira estava sentada uma velhinha toda encarquilhada e magra como um graveto. Na lareira crepitava uma fogueira de lenha.
- Olá , mocinho! Quem és, e que queres? - perguntou a velha.
- Perdi-me, minha velha.
- Perdeste-to como?
- Pela estrada.
- E para onde ias?
- Ia ao palácio real, com um bilhete para me entregarem o guarda-chuva do rei.
- E agora, que farás?
- Esta escuro demais para prosseguir. Se não for muito incomodo, passarei aqui a noite e amanhã cedo seguirei o meu caminho.
- Ai de ti! - exclamou a velha -. Aqui é a casa do papão. Se ele te vir, estás perdido!
- Eu não tenho medo do papão ! - replicou o mocinho.
- Não tens medo? Não sabes que o papão come gente?
- Talvez coma meninos. Mas eu sou um rapaz com esta barba toda, e tenho os ossos duros.
- Faze o que quiseres, - respondeu a velha - mas lembra-te de que eu te avisei.
Remígio estava cansado e caía de sono. Por isso, estendeu-se a um canto, junto a parede, e adormeceu como uma pedra.
Assim que o papão chegou, começou logo a franzir o nariz e a farejar o ar da cozinha.
“Que bom, que bom, para o papão!

Sinto cheiro de cristão !”
disse ele, aproximando-se da lareira, junto a qual o esperava a velha.
- Oh, está ali um pobre mocinho que me pediu hospitalidade - respondeu ela . Tem os ossos muito duros e uma grande barba no queixo.
- Assadinho na fogueira, ficar bom da mesma maneira, - replicou o papão . Mas como diabo veio parar aqui?
- Precisava levar ao palácio real um bilhete do rei. Mas perdeu-se.
O papão remexeu no bolso do mocinho adormecido e, tendo encontrado o bilhete, leu-o com muita curiosidade.
- Compreendo! - disse consigo, depois de ter examinado bem a barba de Remígio . Este mocinho nasceu com barba, o que é sinal de que deveria casar-se com a filha de Sua Majestade. O rei, para impedi-lo de casar-se com a princesa, quer mandar cortar-lhe a cabeça. Tudo isto é claro como o sol!
“Espera ! Espera ! Vou fazer uma boa partida a Sua Majestade!”
“Eu sou um ogro, mas ele ainda é mais ogro do que eu !”
E trocou o bilhete por outro, no qual, imitando perfeitamente a letra do rei, ordenava que se devia dar imediatamente a princesa por esposa ao portador.
Depois, resmungando, resmungando, o papão foi dormir na sua cama.
Na manhã seguinte, Remígio acordou e, vendo a velha adormecida junto a lareira apagada, sem se dar ao trabalho de acordá-la para agradecer-lhe e

despedir-se dela, saiu e retomou a estrada. Caminha, caminha, e finalmente chegou ao palácio real.
O oficial da guarda leu o bilhete e levou-o a rainha, e esta, que não ousava contradizer as ordens do rei, organizando logo grandiosa festa nupcial, deu por esposa a Remígio a belíssima princesa.
Os dois esposos foram morar em maravilhoso castelo circundado por um parque e ali passaram a lua-de-mel, enquanto o rei, tendo partido da casa do pescador, se fora passear ao acaso pelo reino, certo de que já tinham cortado a cabeça ao mocinho predestinado.
Depois de dois meses, Sua Majestade voltou a sua capital e não ficou pouco espantado ao saber que sua filha se casara com o mocinho de barbas.
- Como foi isso? - perguntou furioso a rainha.
- Casei-os por vossa ordem, Majestade!
- Por minha ordem?
- Sim. No vosso bilhete estava escrito: "Casem imediatamente minha filha com o portador deste bilhete."
- Com todos os diabos! - exclamou o rei -. Já é ter sorte!
E chamou logo o genro.
- Olá, meu belo mocinho! Como foi essa história? Quem te autorizou a falsificar um bilhete meu?
- Nada falsifiquei. O bilhete era o vosso, Majestade !
- O meu!
- Sim; o que Vossa Majestade escreveu.
- Não é possível, rapaz!
- E' sim. Caminhando pela estrada, perdi-me, passei

uma noite na cabana do papão, e no dia seguinte cheguei aqui. Imaginai o meu espanto quando, em vez de me darem o guarda-chuva, me entregaram... vossa filha!
- Com mil bombas! - gritou furioso Sua Majestade -. Aqui andou a mão do papão! Bem conheço! E’ um espertalhão de primeira ordem. Mas quem sabe por onde andará agora aquele intrujão ?
- Eu de nada sei, Majestade.
- De nada sabes? Ora, ora! Não penses que vais ficar sendo o marido de minha filha, assim sem que nem mais! O que trouxeste para sustenta-la? Nada! Somente a tua maldita barba. Se ao menos fosse a barba do diabo ! . . .
- Se quiserdes a barba do diabo, eu vo-la trarei - replicou Remígio.
Sua Majestade pensou que os cornos de mestre Belzebu o poderiam livrar daquele genro incômodo.
- Muito bem - disse -. Vai arrancar a barba ao diabo e traze-me. Só então consentirei que fiques sendo meu genro.
Remígio beijou a esposa, despediu-se de Sua Majestade e partiu.
Anda que anda, ao cabo de trinta dias Remígio chegou as portas de uma grande cidade, as quais eram guardadas por forte pelotão de guardas.
- Olá , mocinho! Para! - gritou-lhe o oficial -. Por aqui não podes passar sem primeiro me dizeres o que sabes e que ofício é o teu.
- Sei tudo, faço tudo, senhor oficial - respondeu Remígio.
- Por todos os santos da corte celestial! Então deves ser o sábio dos sábios!

- Basta que olhes para a minha barba, para compreenderes isso!
- 0lé! Tens então a ciência na barba? Se assim é, dize-me então por que é que o leão de pedra da praça, que dantes rugia, agora não ruge mais.
- Dir-to-ei quando tornar a passar por aqui.
E Remígio foi entrando, continuando depois a caminhar sempre para a frente, até que chegou a outra cidade.
- Alto lá! - gritou-lhe o capitão da guarda -. Dize-me o que sabes e o que fazes.
- Sei tudo, e tudo faço.
- Por Júpiter! Dize-me então por que dantes a chuva nesta cidade era de ouro e agora e de água?
- Quando eu voltar, saberei responder-te - afirmou o mocinho.
E continuou correndo.
E anda que anda, até que chegou a um rio que cortava a estrada.
Remígio metera na cabeça que, para chegar ao inferno, onde devia estar o diabo, era preciso seguir sempre em frente.
De fato, experimentem a verão que andando sempre para a frente, se vai ter a casa do diabo.
Uma barca estava amarrada junto a margem, e dentro da barca estava um barqueiro com um cachimbo na boca, fumando tranquilamente.
- Olá , barqueiro! Passa-me para a outra margem! - gritou Remígio.
- Não antes que tu me digas o que sabes e o que fazes.
- Sei tudo e tudo faço.
- Então dize-me por que a água deste rio é preta.

- Se me levares para a outra margem, eu te responderei na volta.
- Olha que do outro lado fica o inferno!
- Ótimo! E' justamente ao inferno que eu pretendo ir.
- Se assim é, vem.
E o barqueiro transportou-o para a outra margem. Remígio retomou o caminho e finalmente encontrou uma grande porta cor de enxofre deitada no chão, e na qual estava escrito:
"Aqui mora o diabo com sua escolta, aqui quem entra não volta !
Aqui a gente assa devagar,
em fogo que ninguém pode apagar!"
- Isso é que não! - disse consigo mesmo Remígio . Eu quero entrar e voltar! E não quero ser assado como um capão no espeto.
Que fazer?
Sentada, perto da porta, estava uma velha.
- Olá, comadre! Quem és? - perguntou-lhe Remígio.
- Sou a avó do diabo.
- Que sorte! E que fazes aqui?
- Estou tomando ar fresco.
- Faz muito calor lá dentro?
- Até de mais !
- Teu neto esta em casa?
- Está. Que queres com ele?
Quero a sua barba.
Arre! - exclamou a velha -. Queres a barba do diabo?
- Quero. Por que? Eu sou barbeiro, e não será mau que uma vez na vida ele se mostre de barba feita.
- Mas, meu caro, o diabo nunca faz a barba.

- Ajuda-me tu, avozinha!
- Hum! - fez a velha, que, ao ouvir-se chamar de avozinha, começara a sentir-se comovida -. Hum!... Se me chamares de avozinha outra vez...
- Vovozinha ! . . .
- Oh! Vovozinha! Que belo nome! Quase tenho vontade de chorar!
- Minha vovozinha!...
- Oh, que beleza! - exclamou a velha (e desta vez tinha de fato duas enormes lágrimas deslizando-lhe pelas faces enrugadas) -. És mesmo um belo rapaz, tu!
- Teu neto, vovozinha, te trata mal?
- Pessimamente ! E' um mal-educado de primeira grandeza . . .
- Que patife! Só mesmo o diabo!
- Chama-me velhota ! Velha careca ! Múmia, e até mesmo carcaça!
- Oh! que nomes tão feios!
- Mas tu, pelo contrário, és um moço muito bem-educado. Quem respeita os velhos merece ser ajudado. Sabes, meu rapaz, nós, velhos, temos tanta necessidade de piedade e de carinho como de respirar. Agora, dize-me : o que queres do diabo?
- Já te disse, vovozinha ; quero a barba dele ! . . .
- Hum! Nao será tão fácil assim! E depois, se não tiveres um salvo-conduto, não te deixarão entrar no inferno.
- Então é preciso salvo-conduto?
- Por certo, meu caro.
- E quem o dá?

- 0 Pecado Mortal. Um senhor feio como um escorpião.
- Minha mãe !
- E depois, é preciso estar morto; e tu me parece que estás vivo! Ou estou enganada:
- Não, não; estou bem vivo!
- Vês?
- Mas tu, vovozinha, como fazes para entrar e sair?
- Sou a avó do diabo, e posso atravessar todos os abismos e me transtorno no que quero.
- Oh, minha querida vovozinha! Se eu também pudesse transformar-me ! - exclamou Remígio.
- Escuta aqui - disse a velha, que suava de contente por ver-se tratar tão bem . Escuta aqui, meu filho: vou transformar-te em uma pulga, e tu te esconderás nas pregas da minha saia.
Daqui a pouco, o diabo saíra para tomar repouso e ar fresco, e quando ele voltar para dentro, poderá pular-lhe para as roupas. Quando quiseres voltar a ser homem, como agora, bastará pronunciares as seguintes palavras:
"De pulga, sempre a saltar,
Em homem me vou tornar !"
- Muito bem - disse Remígio.
Um instante depois, sob a forma de uma pulga, o mocinho se escondia entre as pregas do vestido da avó do diabo.
Dali a uma meia hora, o diabo saiu com um cachimbão aceso na boca.
Fechou a porta e disse a velha, farejando o ar:
- Aqui, velha múmia, esteve um cristão. Sinto-lhe o cheiro !

- Eu não vi ninguém, meu neto.
- Claro ! 0 que há de ver uma velha carcaça como tu? Mas se eu o encontrar, meto-lhe os chifres na barriga, e acabou-se!
E foi-se embora, resmungando e soltando baforadas de fumo, para tomar um pouco de ar, mais adiante.
- Compreendi! - disse a velha quando ele se afastou -. Hoje está de péssimo humor, o senhor meu neto. Será preciso que eu entre também no inferno, quando te entrares (falava naturalmente com Remígio). Talvez eu te possa ajudar.
- Muito obrigado, vovozinha ! - respondeu o mocinho.
0 diabo só voltou uma hora depois, coisa insólita para ele, que costumava recolher-se logo.
- Ei, múmia ! - gritou quando viu a velha . Tens de preparar-me imediatamente uma ceia, porque hoje estou com uma fome dos diabos. Há quatrocentos anos que não como.
- Misericórdia ! - exclamou a avó . E como hei de fazer para saciar uma fome dessas?
- Já vem aí o meu ajudante com a caça - respondeu o diabo . Mas apenas a tiver entregue, mandá-lo-ei embora. 0 grande tratante é bem capaz de ter mais fome ainda que eu.
Enquanto assim falava, apareceu o seu ajudante. Vinha puxando atrás de si, amarrados por cordas presas nas patas, setenta elefantes, cada qual maior do que um palácio.
Aquela era a ceia do diabo.
- Ai de mim! - gemeu a velha . Como queres que eu esfole setenta bichões deste tamanho?
- Comê-los-ei com pele e tudo - respondeu o diabo .

Quanto a assá-los, depressa o faremos. No inferno jamais falta fogo.
Abriu-se a porta do inferno. Entrou o ajudante com os setenta elefantes e entrou a avó com a sua pulga, ou seja Remígio.
Depois do que, o diabo, com uma cornada, jogou lá fora o ajudante, e os bichos asqueroso foram postos a assar.
Quantas chamas, meus amiguinhos! Poder-se-ia assar o mundo inteiro!
0 fato é que, naquele fogaréu, os elefantes se assaram bem depressa e o diabo, sentando-se a mesa, comeu de maneira tremenda, tão tremenda que logo depois lhe veio o sono, e adormeceu na cadeira, sem dizer ao menos boa noite.
- Eis o momento apropriado - sussurrou a velha a pulga.
Remígio pronunciou então as palavras que a velha lhe ensinara
“De pulga, sempre a saltar,
em homem me vou tornar!”
E transformou-se de novo em um mocinho ali mesmo.
- Devagar, por favor, para que o diabo não acorde - recomendou a velha . Ai de ti, se tal coisa acontecesse!
- E agora, que devo fazer? - perguntou o mocinho.
- Se queres tirar a barba do diabo, deves fazê-lo de maneira que ele não o perceba quando acordar...
- O que? Ele tem de acordar?
- Decerto, meu filho. Quem tem as chaves da porta do inferno, é ele. Como havias de fazer para sair?
- Nem mesmo transformando-me em pulga? -

perguntou Remígio . Deve de haver alguma fresta através da qual possa passar uma pulga.
- Uma pulga, sim. Mas, não contas com a barba do diabo? Onde passa uma pulga não passa a barba.
- E então?
- Então, farás o seguinte: tirarás a barba ao diabo, e prenderás no lugar dela a tua. Assim ele não perceberá coisa alguma.
“Quando acordar, tu já estarás de novo transformado em pulga; eu esconderei a barba no meu bolso e sairemos quando ele abrir a porta. Esta bem?
- És uma vovozinha que vale ouro! - disse Remígio.
Cortou primeiro que tudo a própria barba e depois, com a mesma navalha e o mesmo pincel que usara em si mesmo, aproximou-se do diabo.
Muito devagarinho, ensaboou-lhe o rosto e, com destreza, arrancou-lhe inteirinha a barba em ponta (meio tostada pelo fogo e cheirando a enxofre, que era a brilhantina daquele cavalheiro) .
Depois, usando um pouco de cola de carpinteiro, colou a barba que raspara do próprio queixo, no queixo do diabo; mas a sua barba era uma barba brilhante, fina, perfumada que era um amor.
Terminada essa tarefa, Remígio soltou um suspiro de alívio e entregou a barba do diabo a velha, que a meteu no bolso.
- Agora, transforma-te em pulga de novo, e dorme entre as pregas da minha saia - disse a velha.
E o mocinho, transformando-se de novo em pulga, escondeu-se entre as pregas da saia e fechou os olhos.
O diabo dormia e tornava a dormir, também ele . . .

naturalmente como pode dormir uma pulga.
Agora prestem bem atenção.
Na manhã seguinte, a pulga, ou seja, Remígio, acordou, e o diabo também acordou.
A primeira coisa que ele fazia, mal abria os olhos, era acariciar a barbicha em ponta.
E de fato, acariciou-a.
- Oh! Oh! - exclamou o diabo . Que barba tão macia tenho esta manhã! Nem parece a minha !
- Não te iludas - disse-lhe a avó . Sabes por que ficou assim tão macia? Porque lhe escorreu em cima a gordura de elefante. E' uma pomada maravilhosa!
O diabo tornou a acariciar a barba.
Depois coçou os cornos.
- Hum! Alguém me mudou a minha barbicha ! - resmungou -. Aqui há algum mistério. Bruxa velha, dize-me quem me fez esta partida ?
- Eu não vi ninguém, meu neto.
- Tu és uma múmia empalhada!
E tornou a apalpar a barba.
- Como é isto? - pôs-se a gritar de repente -. Está colada com a cola de carpinteiro! Está colada, com mil demônios !
- Desde quando se colam barbas com cola de carpinteiro? - perguntou a avó -. Isto é a indigestão que apanhaste ontem a noite e que te transtorna o juízo!
- Indigestão? Digo-te que me trocaram a barba ! - urrou o diabo.
- Está louco !
Entretanto, como ali dentro fazia muito calor, porque todas as manhãs os ajudantes lenhadores atiravam novas lenhas ao fogo, a cola de carpinteiro

começava a derreter-se, e a barba foi afrouxando, afrouxando, até que ficou nas mãos do diabo.
- Oh, raios e trovões ! para onde foi a minha barba? - rugiu o rei do inferno, cheio de furor.
E pôs-se a procurar por todos os lados, por todos os cantos, urrando com voz de trovão!
- Se o apanhar, furo-lhe as tripas!
A força de procurar, sentiu um cheirinho que lhe era familiar e precipitou-se contra a avó.
- Velha bruxa, tu tens em cima de ti qualquer coisa que é humana!
- Que hei de ter? - disse a velha, espavorida.
- Deixa-me procurar !
E pôs-se a examinar-lhe os vestidos, até que descobriu a pulga.
- Oh! Oh! - exclamou o diabo -. Bem dizia eu! Uma pulga! Como consegues ter em cima de ti uma pulga, se não tens sangue para sugar?
E estendeu a mão para agarrar a pulga.
Mas Remígio apressou-se a saltar, e o diabo pôs-se a persegui-lo.
- Uma pulga no inferno! Uma pulga no inferno! Nunca se viu semelhante
coisa ! - gritava o diabo.
E com as garras, dava pancadas aqui e acolá. Mas qual ! A pulga escapulia-se sempre, e de repente se pôs a gritar:
- Desiste, diabo! Quem tem a tua barba sou eu!
Mas não serás capaz de apanhar-me, nem mesmo que te cresçam outras duas mãos!
O diabo parou, todo suado e estupefato.
- Uma pulga que fala! Uma pulga que tem a minha barba !

Mugia como um touro furioso.
- Dá-me a minha barba, maldita pulga !
Mas Remígio, que agora já aprendera a maneira de fugir-lhe e meditava um plano para fugir do inferno com a barba roubada e atravessar sem obstáculo o rio e as duas cidades que sabemos, pôs-se a rir.
- Berra, berra, diabo! Pouco me importa! Não me fazes medo!
- Dá-me a minha barba !
- Primeiro dize-me por que o leão de pedra que dantes rugia, agora já não ruge.
- Porque a neve lhe tapou a boca - respondeu o diabo -. Mas dá-me a minha barba.
- Primeiro dize-me por que a chuva que era de ouro, agora é de água.
- Porque dantes havia ourives no céu, mas agora, visto que eram todos avarentos, foram mandados para o inferno, ficando no lugar deles os anjos. E agora dá-me a minha barba.
- Primeiro dize-me por que a água do rio é preta.
- Porque há nele uma nascente de tinta. E agora dá-me a minha barba!
- Levei-a lá para fora - respondeu a pulga.
- Lá fora, para onde?
- Para fora do inferno.
- Acompanha-me ao lugar onde a puseste.
Entretanto a pulga saltara para as costas da velha, e dali para a sua orelha.
- Fica na soleira da porta, avozinha - sussurrou-lhe -. Mais tarde virei buscar a barba.
- Onde estás? - perguntou o diabo.
- Aqui! - respondeu a pulga, saltando diante dele.
- Acompanha-me ao lugar onde puseste a minha

barba.
- Escondi-a no bosque aqui perto.
- Vamos até lá!
- Vamos!
E o diabo correu a escancarar a porta do inferno, tendo de ô1ho a pulga, que saiu na frente dele, enquanto a velha, depois de fechada a porta, sentava-se no canto de costume, onde Remígio a vira pela primeira vez.
A pulga pôs-se a saltar em direção ao bosque, e o diabo atrás, apurando os olhos para não a perder de vista e continuando a gritar:
- Onde puseste a minha barba?
- Aqui! Aqui! - respondia a pulga.
Pois sim! Seriam precisos cem olhos!
Enquanto respondia, muito bem! O diabo guiava-se pelo ouvido, mas de repente a pulga não respondeu mais.
Tinha-se escondido no bosque, debaixo de uma folha seca.
Imaginem como não ficou o diabo !
Estrilou durante três dias e três noites, botando baba pela boca, com a raiva de se ter deixado enganar e de ter de ficar sem a barba.
Quando o diabo voltou a sua moradia, a pulga, ou seja, Remígio, correu até a velha, que o esperava, sentada a um canto da porta do inferno.
- Vovozinha, aqui estou eu !
A velha tirou do bolso a barba do neto.
- Aqui tens a barba do diabo - disse-lhe ela -. Bem vês que te ajudei. Soubeste o que querias e aqui tens a barba. Portanto, podes voltar contente e tranqüilo à tua casa.

- Obrigado, vovozinha ! - respondeu Remígio.
E muito contente, voltando a seu ser, empreendeu o regresso.
Chegando ao rio, deu ao barqueiro a resposta prometida, não antes, porém, de ter posto o pé na outra margem.
Depois, dirigiu-se para a segunda cidade que tivera de atravessar, e disse aos guardas por que chovia água em vez de ouro.
- Compreendo! - exclamou o oficial . - Todos os ourives são mesmo uns ladrões !
Remígio atravessou em seguida a primeira cidade e ali explicou por que o leão de pedra não rugia mais.
- Vejam bem - disse Me -. Tem a boca tapada de neve. Tirem a neve, e ele tornara a rugir.
Os habitantes ficaram tão contentes com aquela resposta, que lhe deram de presente um cavalo com sela de ouro.
E assim, em breve ele chegou a cidade onde deixara a esposa, e apresentou-se ao rei.
- Onde esta a barba do diabo? - gritou-lhe Sua Majestade -. Ao que vejo, não tens mais sequer a tua!
- Ei-la , Sire!
- Oh! Oh!
O pérfido rei estava desconcertado.
Como? Então o diabo não o estripara com os cornos?
- E’ mentira! - disse -. Isso não pode ser a barba do diabo !
- Por que?
- Porque não tem a cor do fogo.
- Mas tem cheiro de enxofre.

- Podes tar-1ho posto tu.
- Não é possível, Majestade.
O rei abanava perdidamente a cabeça.
- Dá-me a barba, que quero tocar-lhe com as minhas mãos : - exclamou -. Dir-te-ei logo se é a do diabo ou não.
E arrancou-lha da mão.
- Se fosse a do diabo, - acrescentou, aproximando-se de um espelho - aplicando-a ao queixo, eu deveria ficar parecendo um diabo.
- Experimente, Majestade.
O rei pegou em um pouco de cola de carpinteiro e aplicou a barba ao queixo. .
Antes não o tivesse feito!
Uma labareda o envolveu todo, como se estivesse coberto de petróleo incendiado.
Sua Majestade posse a urrar como um desesperado.
Acorreram guardas, gentis-homens, generais.
Nada!
Em poucos minutos o pérfido ficou incinerado.
Morto que foi aquele péssimo monarca, subiram ao trono Remígio e sua esposa, com grandes festas por todo o reino, e parecia que a paz ia começar a reinar, quando o diabo . . .
Naturalmente, o diabo quis ir a procura da sua barba.
Disfarçou-se de mendigo e empreendeu viagem.
A todos os homens que encontrava, examinava a barba.
Visitou meio mundo. Nada!
Todos os homens tinham barba própria.
O sapateiro que a encontrara entre as cinzas, tinha-a aplicado ao próprio queixo porque ela lhe ficava

muito bem, e desde aquele dia, eis o que lhe aconteceu:
Todos os cidadãos se tinham precipitado para encomendar sapatos a ele... a ele, que até então fora considerado o mais ínfimo sapateiro de Varsóvia!
E tais eram as encomendas, e tantas as ofertas de dinheiro, que o sapateiro, vendo-se de um momento para o outro assim no auge, resolveu abrir uma grande casa de negócio e tomar a seu serviço um exército de operários.
O dinheiro afluía como a água de um rio corre para o mar.
Em seis meses o sapateiro ficara milionário!
Tudo isso porque aplicara ao rosto a barba do diabo !
Um dia passou diante da sua loja o rei Remígio, que reconheceu logo a barba e espantou-se de vê-1a aplicada aquele queixo.
Entrou, e aproximou-se do novo milionário.
- Bom homem! Esta barba é do diabo!
- Ah, Majestade! Que dizeis! E' a barba da fortuna.
- Hum! Bom homem, se a farinha do diabo for toda para a masseira, não sei como irá acabar a sua barba ! - replicou o rei.
- Em dinheiro, Majestade!
- Tenha cuidado que não a veja o diabo!
- Se a vir, pior para ele!
O rei retirou-se, e o novo rico continuou alegremente a ganhar dinheiro.
Dentro de um ano, era dez vezes milionário.
Os seus cofres estavam cheios de dinheiro, as suas caixas fortes estavam cheias de diamantes.

Mas, ai dele! A medida que ficava rico, tornava-se soberbo, mau, sem coração, injusto e impiedoso para com os pobres.
Pouco a pouco correu a fama de que ele se tornara o homem mais pérfido de todo o reino.
Tal era o efeito da barba do diabo.
E finalmente, um belo dia, o diabo chegou a Polônia.
Também ali se pôs a procurar, disfarçado de mendigo e pedindo esmolas, até que lhe chegaram aos ouvidos os rumores que falavam do ex-sapateiro remendão que, tendo aplicado ao queixo certa barba, se tornara rico, mas ao mesmo tempo era o homem mais pérfido que jamais existira.
O diabo dirigiu-se imediatamente a capital, onde o ex-sapateiro fizera construir, para sua residência, imponente palácio, e entrou no quarto dele no momento em que o multimilionário se preparava para deitar-se.
- Olá , ladrão ! - gritou o diabo -. Dá-me a minha barba!
- Que barba? Esta é minha! - respondeu o sapateiro.
- Mentiroso ! Foste tu, e bem o sabes, que, transformado em pulga, foste roubar-me ao inferno!
- Que pulga, nem meia pulga ! Estás louco! Eu encontrei esta barba no meio das cinzas, e fiquei com ela.
E puseram-se a gritar como possessos.
O ex-sapateiro, que se tornara tão pérfido que parecia outro diabo, fazia frente ao próprio diabo !
- Não te dou a barba coisa nenhuma ! Esta traz boa sorte e é muito minha !

- Ah, sim? - gritou por fim o diabo -. Queres dar-ma ou não?
- Tornaremos a falar nisso quando eu estiver contigo no inferno!
- Com que dinheiro fizeste este palácio? - perguntou então o diabo.
- Com o que me proporcionou a tua barba.
- E não sabes o que foi que construíste?
- O que foi?
- A antecâmara do inferno!
Mal o diabo proferira estas palavras, todo o palácio se afundou.
Naquele lugar ficou enorme buraco.
Por ali, quem quer vai ao inferno...

FIM